

# O CARNAVAL DE MARAGOGIPE-BAHIA: FONTES DOCUMENTAIS PARA A SUA COMPREENSÃO

Crispim Santos Quirino<sup>1</sup>

Graduando em Museologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

E-mail: crispimquirino@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** Carnaval de Maragogipe. Início do século XX. Cultura.

## Introdução

Antes mesmo de fazer qualquer observação acerca de nosso objeto de pesquisa fontes documentais para a compreensão do Carnaval de Maragogipe – Bahia deve-se destacar que a cultura abarca essa manifestação. Já a documentação impressa encontrada acerca da manifestação cultural de Maragogipe, cidade do Recôncavo da Bahia, data da última década do século XIX, porém aqui se preferiu dar notícia das fontes relativas ao período de 1970 a 2000, dando início a uma discussão sobre a “cultura do carnaval” na comunidade pesquisada. A relevância dessa discussão sobre o Carnaval de Maragogipe aprofunda ainda mais os estudos relativos à cultura carnavalesca tão vivenciada contemporaneamente por suas identidades culturais e a possibilidade de ressignificação de seus elementos tanto materiais quanto imateriais.

A manifestação da cultura carnavalesca não só abarca a realidade de uma tradição tão evidenciada no espírito do povo brasileiro, especificamente, mas também como algo que se apresenta por um ponto de vista estritamente elitizado, ou seja, de certo seguimento cultural da sociedade que procurou tentar preservar seus antigos bailes de carnaval.

O pesquisador Roger Chartier (1995) apontou a necessidade de não limitar o termo “cultura”, sobretudo, “popular”, a uma realidade que sequer faz parte desse seguimento histórico-tradicional, enunciando que a cultura popular é uma “categoria erudita” e que precisa ser mais bem analisada.

---

<sup>1</sup> Crispim Santos Quirino é poeta, escritor, ator e estudante do Curso de Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Centro de Artes Humanidades e Letras. Assistido pela PROPAAE. Orientadora: Suzane Tavares Pinho Pêpe - Mestre em Arqueologia e História da Arte pela Université Catholique de Louvain (UCL); professora da UFRB.

Por que enunciar, no começo de uma conferência, tão abrupta proposição? Ela pretende somente relembrar que os debates em torno da própria definição de cultura popular foram (e são) travados a propósito de um conceito que quer delimitar, caracterizar e nomear práticas que nunca são designadas pelos seus atores como pertencendo à "cultura popular" (CHARTIER, 1995, p. 1).

Tanto é evidente, a observação feita pelo pesquisador, que logo apontou para a necessidade de buscar, os mesmos intelectuais, uma *compreensão* do termo “cultura popular”, tão complexa de entendimento perante as ditas “exóticas” no entendimento do pesquisador, já que “exótico” cabe uma visão preconceituosa e reduzida da cultura:

Produzido como uma categoria erudita destinada a circunscrever e descrever produções e condutas situadas fora da cultura erudita, o conceito de cultura popular tem traduzido, nas suas múltiplas e contraditórias acepções, as relações mantidas pelos intelectuais ocidentais (e, entre eles, os *scholars*) com uma alteridade cultural ainda mais difícil de ser pensada que a dos mundos “exóticos” (CHARTIER, 1995, p. 1).

Roger Chartier, historiador vinculado à historiografia francesa por vocação e origem, abordou questões de interesse, sobretudo no que refere às suas ideias de *representação* e de *apropriação* da cultura pela *prática*. Vale salientar que o mesmo autor mostrou que existem inúmeras formas de definições da cultura popular e que para ele são os de sistema simbólico, portanto, coerente e autônomo, alheio e irredutível perante a cultura letrada, e a segunda, percebe a carência da cultura popular nas dependências das relações sociais, ou seja, em relação à cultura dominante. De um lado uma cultura dita, independente, e de outro, uma cultura onde as relações são estabelecidas pela sociedade.

Vários são os pesquisadores da história cultural a exemplo do italiano Carlo Ginzburg que trouxeram à luz da avaliação cultural, notadamente, suas noções de cultura popular e de *circularidade cultural*, algo onde as culturas populares se mantêm pelas relações que estabelecem com as culturas dominantes, situação que não deixa de ser conflitante, uma espécie de recuperação dos “conflitos entre as classes sociais” – termo tão usado por pesquisadores do assunto. É a partir dessa dinâmica entre o popular e o erudito, exposto em *O queijo e os vermes*, através da história de Menocchio, um moleiro do povo, que seu conceito de *circularização cultural* aparece.

Tanto esses como outros historiadores abandonaram o conceito de mentalidades tão utilizado na França e em quase todo o ocidente e acabaram adotando o de *cultura popular*, tão evidente contemporaneamente. A *Nova História* cultural renovou o interesse pelas culturas

informais, simples e pelo *popular*; ações que visassem a dar notoriedade ao estudar essas culturas no seu seio de origem: festas, ritos, danças, costumes, crenças, etc.

Um documento de interesse para os estudos da cultura imaterial é a *Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial* (Paris, 20 set/17 out. 2003) realizada pela UNESCO. Na 32ª Sessão, 4º parágrafo explicitando que:

*Reconhecendo* que os processos de globalização e de transformação social, ao mesmo tempo em que cria condições propícias para um diálogo renovado entre as comunidades, geram também, da mesma forma que o fenômeno da intolerância, graves riscos de deterioração, desaparecimento e destruição do patrimônio cultural imaterial, devido em particular à falta de meios para sua salvaguarda (UNESCO, 2003).

Não se viu apenas o quanto é importante preservar ou conservar determinada manifestação cultural, sobretudo, de caráter imaterial, mas também, o quanto a perda desse patrimônio afeta todos os seguimentos da sociedade, como a própria Convenção pregou, no parágrafo 5º, são importantes as ações e legitimações que visem a salvaguardar determinados bens imateriais. Identifica-se, portanto, o Carnaval de Maragogipe como uma manifestação tão significativa, pela participação significativa de quase toda a população nos festejos anuais da cidade, que se faz necessário preservá-la. Vale salientar também que se tentará, futuramente, analisar as características que conferem ao carnaval de Maragogipe uma identidade, onde se interpenetram elementos diversos num mesmo lócus determinado, onde elementos materiais e imateriais se afirmam paralelamente a documentos e depoimentos.

Vários foram os motivos que levaram à proposição deste tema, a saber, a necessidade de mostrar a existência de uma manifestação cultural no Recôncavo da Bahia diferente das vistas no Brasil, sobretudo na área do carnaval e a outra é o estudo da documentação como preservação e conservação da tradição e constatação de fatos e dados do carnaval na cidade de Maragogipe, que lhe conferem uma identidade. Como argumento cita-se o parágrafo 8º da referida Convenção da Unesco (2003): “Observando também que não existe ainda um instrumento multilateral de caráter vinculante destinado a salvaguardar o patrimônio cultural imaterial”, daí a necessidade do registro.

### **Carnaval de Maragogipe: fontes documentais**

Apesar de não ser o objetivo aqui tratar de fontes secundárias, não se pode deixar de citar a importância do depoimento de Rosa Vieira de Melo a Diego Bomfim Dias, colega do

Curso de História da UFRB, em artigo intitulado *Carnaval de Maragogipe, símbolo de resistência cultural*, que serão retomadas nesta pesquisa como observação ao surgimento desse tipo de festejo no país.

A Cidade de Maragogipe fica no interior do Recôncavo da Bahia a 133 km da capital Salvador. Conforme:

A bravura dos seus valorosos dominadores – os aborígenes – quando forçados à defesa legítima na constante invasão de outras tribos de instintos sanguinários, sempre rechaçadas, nas renhidas lutas, conquistou o nome de **Marago gip**, na sua significação de “braços invencíveis”, para esta terra, cujos terrenos férteis e ubérrimos sob a cultura fecunda de suas lavouras forneciam com os seus produtos a bastança para a sua manutenção, entremeada pela pescaria no mar e a caça nas suas bravias e espessas matas. Foi elevado a distrito do Termo de Jaguaripe em 1640, a Vila em 16 de Fevereiro de 1724 e fundada, a requerimento do povo a S. Majestade, sendo corregedor Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira, no ano de 1725, sendo Governador da Bahia Vasco Fernandes Cesar de Menezes, 4º Vice-Rei do Estado do Brasil e depois Conde de Sabugosa. Em 16 de Julho de 1873 passou a Cidade e finalmente, a 23 de Janeiro de 1890 libertou-se das peias que lhe asfixiavam o seu progredir, em sendo elevada a Comarca.<sup>2</sup>

Observadas as especificidades da localidade de Maragogipe, vale salientar que existe um debate em torno da data da fundação da cidade e o uso da grafia Maragogipe com “G” ou com “J”. Ronaldo Souza, escritor local, fala do nome da localidade como “rio dos mosquitos” por estar próximo ao Manguezal. Fernando dos Santos Sá, irmão do poeta Osvaldo Sá, já direciona outro olhar que se vê em a *Tribuna do Povo*:

Documentos revelam que em 9 de fevereiro de 1725 o Rei D. João V de Portugal baixou a Provisão, emancipando nossa terra, quando ainda freguesia, tendo foros de vila até 8 de maio de 1850, quando o Vice-Presidente da Província da Bahia, Dr. Álvaro Tibério de Moncorva Lima, baixou a lei nº 389, de 8 de maio de 1850, concentrando-lhe foros de cidade, com a denominação de Patriótica Cidade. Estas duas datas não podem ser confundidas; são bem claras (TRIBUNA DO POVO, jan. 1996, p. 1).

O escritor maragogipano e poeta Osvaldo Sá nasceu em 28 de julho de 1908, na localidade do Guaí, distrito de Maragogipe, foi autodidata, pois não completou o curso

---

<sup>2</sup> Essas informações podem ser encontradas na Fundação Osvaldo Sá, em Maragogipe, no jornal *A Bahia Nova*, n. 7, s/d, p. 49-50. O escritor e poeta aponta essa preciosa informação, observando a forma como o senhor Leonel Tourinho jornalista e escritor descreve a cidade. A Fundação foi criada em 28 de julho de 2002, quando o poeta faria 94 anos de história. Documento concedido por Albertus Sá, filho do poeta para tal pesquisa. Endereço da Fundação Osvaldo Sá: Rua Engenheiro. Júlio S. Sá, 07 – Centro – 44420-000 – Maragogipe – Bahia – Brasil. E-mail: fundacaosvaldosa@msn.com Tel: (75) 3562-12-59/ 9991-2090.

primário. Secretário de Cultura da Cidade e de outras localidades, segundo seu filho caçula Albertus Sá, em conversa quando da pesquisa feita na Fundação, chegou a morar no Rio de Janeiro, anos depois tendo que voltar a sua cidade natal. Teve uma vida intensa na literatura, durante toda sua vida foi correspondente em vários jornais nacionais. *Folhas ao Vento*, publicado em 35 (São Félix: Graphica Moderna) é um livro que marcou a trajetória do artista. Outro livro foi *A Conspirata dos Galos* (Edições Arpoador/1973), Osvaldo Sá praticamente publicou um livro a cada ano, destacando-se com os inúmeros prêmios concedidos a ele por diversas instituições no país, dentre elas a de membro das Academias de Letras do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e do Recôncavo.<sup>3</sup>

O nome de Osvaldo Sá foi citado por Jorge Amado (1988), em seu livro *O Sumiço da Santa*. Segundo Albertus Sá, em conversa, seu pai se correspondia com Jorge e Pedro Calmon, Antonio Houaiss, Calazans Neto, Jorge Amado, Wilson Lins, Hildegardes Viana, Renato Báez, Evaristo de Moraes Filho, Josué Montello, Clóvis Lima, Luís Henrique, José Silveira, Edivaldo Boaventura, Cid Seixas, Anísio Melhor, Sante Scaldaferrri, Márcio Catunda, Erivaldo de Souza Brito, Alfredo dos Santos Guerreiro e muitos outros. Está se falando de um homem que marcou o século XX e não apenas um simples homem de letras. O poeta chegou a afirmar em documento particular que:

O carnaval, em Maragogipe, surgiu no século XX, aí entre 1908 a 1910, visto que jornais noticiosos, anteriormente, nada disseram dessa festa gostosa de toda gente. Nem mesmo do Entrudo, festejo bárbaro, que antecipou o Carnaval. Em nada aqui se encontra de seus vestígios.<sup>4</sup>

Apresenta-se aqui, não só o reconhecimento do “entrudo” no carnaval de Maragogipe por Osvaldo Sá e em todo o país, como manifestação primeira e logo depois recebendo outras influências, mas também outras fontes que denunciam para tal realidade. Ademais, estarão apontadas as fontes encontradas, quando necessários serão feitos comentários acerca das informações, sobretudo no que diz respeito ao recorte temporal de nossa pesquisa. Seguem abaixo fontes localizadas para esta pesquisa, que soma o total de 42 documentos mais um depoimento escrito pelo poeta, um artigo de Diego Bomfim Dias, que pode ser encontrado na UFRB e uma Monografia da pesquisadora Rosa Vieira de Melo sobre as fotografias do carnaval que todos os anos são expostas no Pelourinho em Salvador, ou seja, com essas

---

<sup>3</sup> Membro Honorário nº 236, da Academia de Letras da Fronteira Sudoeste do RGS (1982). Recebeu o 1º Prêmio de História do livro ‘Histórias Menores’, do Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana (1982).

<sup>4</sup> Fonte concedida para a pesquisa de forma datilografada quando o poeta estava vivo; a mesma pode ser consultada na Fundação Osvaldo Sá. Disponível em: <fundacaosvaldosa.blogspot.com/>.

somam o total de 45 fontes encontradas: cinco são da *Nova Era*; duas são da *Cidade de Maragogipe*; quanto são da *Redenção*; quatro de *Arquivo*. Todos esses são jornais mais antigos. Para precisão de nosso assunto, a origem do carnaval de Maragogipe e seus esclarecimentos vejam uma parte do que diz o jornal *Nova Era*:

**Carnaval:** O carnaval, promovido pela philarmonica *Terpsychore* nesta cidade, está com muita influência, e é de esperar que os promotores d'este divertimento continuem à fazê-lo todos os annos (NOVA ERA, 14 fev. 1897, p. 2).

E mais, diz o Jornal *Nova Era*:

*O carnaval:* Foi nada mais, nada menos que a nossa *estréa* nesta especie de festejo, que outras festas não nos faltam sempre: *tardia a estréa é verdade* (grifo nosso), mas prodigiosa de força e de entusiasmo, robustissimo e miraculoso fructo de seiva tão fraca e rara, como é o metal que corre nas algibeiras destes operarios e destes pobres.

E, como effeito, foi uma festa popular, nada de elemento official, Intendenciais com sua dúzia de foguetes *fashionable*, nem do alto commercio, que se abstem sempre (NOVA ERA, 10 mar. 1897, p. 2). (Grifo nosso.)

Em ambos os documentos, aparece o termo “carnaval” como manifestação reconhecida pela imprensa da época. Não deixando de interpretar o termo “estreia” ou “tardia estreia” como algo que subtende a existência de uma manifestação anterior ao surgimento do carnaval oficial e apreciado pela mesma imprensa acima referido ou algo que poderia ser notado há bastante tempo por outros indivíduos em localidades distantes de Maragogipe, como por exemplo, no Rio de Janeiro, mas que em Maragogipe chega tardio, porém de reconhecido mérito. Questões que servem como análise interpretativa das fontes.

Colocados os nomes existentes dos jornais que abordaram o assunto no final do século XIX, apontam-se jornais que trazem matérias sobre o carnaval de Maragogipe a partir de 1970, que servirão à próxima etapa desta pesquisa, quando o carnaval adquiriu uma identidade mais diversificada no mesmo *locus*, onde se interpenetram elementos de diversas características, devendo-se estudar o processo de mesclagem entre o carnaval de rua, que remonta as origens (o entrudo) e o carnaval dos bailes.

1. Órgão Independente Noticioso.<sup>5</sup> Maragogipe (Bahia): 25 fev.1970. Ano 19;

---

<sup>5</sup> Diretor fundador – Bartolomeu Americano.

2. Órgão Independente Noticioso. Maragogipe (Bahia): 20 fev. 1971. Ano 19;
3. Órgão Independente Noticioso. Maragogipe (Bahia): 20 mar. 1971. Ano 19;
4. Ano 22 CEP 44420 – Maragogipe (Bahia): 30 de março de 1973 – nº 234. Não se tem conhecimento se essa mesma fonte é do Órgão Independente Noticioso;
5. O Arauto<sup>6</sup>. Registrado no Cartório de Títulos sob nº 12, 12 ago. 1976. Maragogipe: 31 jan. 1978 – III Etapa – nº 01, Ano III;
6. *Tribuna do Povo*<sup>7</sup>. Maragogipe (Bahia): Fev. 1982, nº 7. Ano III;
7. *Tribuna do Povo*. Periódico Político, Noticioso e Independente, mar. 1983, nº 3, Ano IV;
8. *Tribuna do Povo*. Periódico Político, Noticioso e Independente, fev. 1983, nº 16, Ano IV;
9. *Tribuna do Povo*. Periódico Político, Noticioso e Independente, mar. 1984, nº 29, Ano V;
10. *Tribuna do Povo*. Periódico Político, Noticioso e Independente, fev. 1985, nº 76, Ano V;
11. *Tribuna do Povo*. Periódico Político, Noticioso e Independente, mar. 1987, nº 91, Ano VII;
12. O Arauto. Maragogipe: Jan. 1988, nº 01/88;
13. O Arauto. Maragogipe: Fev. 1988, nº 02/88;
14. *Tribuna do Povo*. Periódico Político, Noticioso e Independente, fev. 1988, nº 102, Ano VIII;
15. *Tribuna do Povo*. Periódico Político, Noticioso e Cultural — 5ª Fase – fev. 1997, nº 29, Ano 17;
16. *Tribuna do Povo*. Periódico Político, Noticioso e Cultural – 5ª Fase – fev. 1996, nº 19, Ano 16;
17. *Tribuna do Povo*. Mar. 1995 (página 3);
18. *Tribuna do Povo*. Periódico Político, Noticioso e Cultural – 5ª Fase – mar. 1999, nº 37, Ano 19.

## Fontes Orais

---

<sup>6</sup> Diretor: G. Dias.

<sup>7</sup> Diretor fundador – Fernando dos Santos Sá.

Expostas as fontes escritas, analisam-se agora os seguintes depoimentos de alguns dos entrevistados,<sup>8</sup> limita-se apenas a observar o conhecimento do entrudo e dos carnavais dos antigos bailes para o presente artigo. A documentação oral é tanto importante quanto à documentação escrita. A oralidade faz com que, o Sr. Emanuel Fernandes das Neves apontou a manifestação como algo apreciável, em entrevista concedida a este trabalho:

O carnaval daqui é apreciação: das máscaras, dos peixes. Tinha ternos dos grupos dos peixinhos e outros, desses eu não participava. Fazíamos máscaras de chifres. [...] Alcancei os pobres brincando. Associação e Rádio Clube pretendiam a ser das elites. A 2 de Julho freqüentava esse lugar pagava e às vezes não. Tinha Mundú, Bumba-meu-bóí [...]<sup>9</sup>

Já sobre o entrudo disse:

Não sei não velho. Eu acho que saía na brincadeira de mulher e de homem um vestindo o oposto. Não sei se a separação da Semana Santa. Era, eu acho, pra ralé, povo baixo de beira de praia. Fazia sua brincadeira, os gordões, saindo nas ruas com os vários grupos. Tinha cordões ensaiados que brincavam e saiam brincando. O carnaval primitivo não se tem mais.<sup>10</sup>

O mesmo disse das músicas que antes eram tocadas: “Oh, Cid, oh, Cid, querem lhe passar pra traz [...]”. Acrescentou que quem primeiro criou a charanga foi Fobru, para a candidatura. “Com o Trio”, disse ele, “as pessoas começaram a se recolher. A ideia era brincar o carnaval. A juventude só quer isso, ficar na praça”. Sobre a forma de protestar no festejo Sr. Emanuel falou: “Tínhamos cruz nas testas pra homenagear os que não podia brincar o carnaval. A brincadeira, brincar pra panhar, é a polícia batendo. Isso não é brincadeira. Gilberto Alves, Carlos Galhardo, Orlando Bia, todos tocavam”.<sup>11</sup>

Dessa forma se entende melhor a alegria da festa. Segundo Deگو do Vasco, o carnaval era algo que:

Era o povo brincando. Velho e novo todos brincavam. Não tava nem aí e nem chegando. O Mandu...; tinha saco de calhamaço que as pessoas se vestiam. O Mandu era feito de peneira de cessar a moessa. Conhecido como penha maior. Era redondo. Tinha também na cintura.<sup>12</sup>

---

<sup>8</sup> Essas entrevistas foram feitas durante o carnaval de 2010 como parte de coleta de dados. Os entrevistados são pessoas entre 70 e 90 anos. Essa fonte ajuda a diversificar os dados da pesquisa.

<sup>9</sup> Entrevista com Sr. Emanuel Fernandes das Neves (Deگو do Vasco), 75 anos, morador da Enseada. Entrevista concedida a Crispim Santos Quirino. Maragogipe, fev. 2010.

<sup>10</sup> Id.

<sup>11</sup> Id.

<sup>12</sup> Entrevista com Sr. Emanuel Fernandes das Neves (Deگو do Vasco), 75 anos, morador da Enseada. Entrevista concedida a Crispim Santos Quirino. Maragogipe, fev. 2010.

Isso tudo acontecia em sua época, como afirmou:

Tinha gente cheio de lama da maré pra praça. Os pescadores se vertiam de rede. A brincadeira era alegre. Os candomblés saíam. Os afoxés. Cada Mãe de Santo tinha seu grupo. Até concurso de alma hoje se faz, gasta três mil para concurso de mascarados. Eu nunca vi e ouvi falar disso.<sup>13</sup>

Já dona Rosália Araújo depôs que o carnaval deu-se com as caretinhas: “Começou com as caretinhas de crianças e depois foi aumentando, hoje não é como antes. Não tinha quase nada, agora o povo faz bailes e vai às ruas”.<sup>14</sup> Sobre o entrudo nada sabe, mas que em sua época:

Era uns caretas bolos. Não tinha fantasias, não tinha nada. Eu era criança. E o povo me chamava Rosa Carapeba. A gente quando é assanhada... e comecei a sair de careta. Qualquer roupa saía de carnaval, tudo no princípio. Depois começou a fazer fantasias. Saía um bando de gente de lama, a negrada pura, melando a gente. Hoje é melhor do que o de Salvador.<sup>15</sup>

Não só Dego do Vasco como Rosa Carapeba mostraram a existência do festejo carnavalesco nas lembranças das pessoas da cidade (e nas suas) como algo ligado à tradição. Esse é o espírito que se nota durante a festa pelas ruas da localidade.

Observa-se que, mesmo com o passar dos tempos, as pessoas não conseguem esquecer por completo do carnaval que passou, ou seja, de um carnaval que deixou e deixa marcas. Assim é a diversidade dessa identidade carnavalesca da cidade de Maragogipe. É uma espécie de memória:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2003, p. 419).

Pode-se perceber que a memória do carnaval é compartilhada pelos membros da comunidade local através de poucos depoimentos. De maneira diversificada, as percepções sobre o carnaval são ricas e deve-se aprofundá-las oportunamente. A memória não é totalizadora, ninguém possui o saber de tê-la por completo. Causaria certa perturbação se

---

<sup>13</sup> Entrevista com Sr. Emanuel Fernandes das Neves (Dego do Vasco), 75 anos, morador da Enseada. Entrevista concedida a Crispim Santos Quirino. Maragogipe, fev. 2010.

<sup>14</sup> Entrevista com Sra. dona Rosália Araújo (Rosa Carapeba), aos 94 anos, moradora da rua Coronel Antônio Felipe de Melo. Entrevista concedida a Crispim Santos Quirino. Maragogipe, fev. 2010.

<sup>15</sup> Id.

houvesse possibilidade, mas ela se forma por esse conjunto, cujos fragmentos podem ser juntados. Não aprofundando mais as discussões a respeito das entrevistas, posto que por si só já nos inquieta, quer seja direta quer seja indiretamente, parte-se agora às discussões em torno da cultura carnavalesca na cidade, já que serão apresentados os entrevistados em monografia de curso.

O que se pôde perceber sobre a pesquisa de Rosa Viera de Melo é que o entrudo vem com os carros alegóricos e os bailes que corriam a Europa durante o processo de colonização nas Américas, já Ronaldo Souza entendeu que, devido à presença do espírito de resistência herdado pela descendência negra, o carnaval pôde ser preservado. No que se refere ao Rei Momo, esse apareceu desde o século XIX para abrilhantar a festa. Enfim, é no carnaval de Maragogipe que se pode perceber uma diversidade cultural num mesmo espaço, seu Trio Elétrico, que será estudado em trabalho posterior causa certa interpretação, e nova, a respeito deste no carnaval de Salvador e de Maragogipe, marca característica de penetração de elementos diversos. Ou seja, a região do Recôncavo da Bahia torna-se mais uma opção para os estudos culturais no Brasil de uma festa que pode ser hoje e quem sabe amanhã, algo de valor nacional já que o carnaval de Maragogipe foi reconhecido Patrimônio Imaterial da Bahia pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC), em 2007, após uma série de pesquisas e estudos feitos sobre a tradicional festa que tem inspiração nas festas similares que ocorriam na Europa do século XIX e ao entrudo, onde há uma forte predominância de fantasias de figuras folclóricas e de bailes.

### **Considerações finais**

O que deve ser lembrado é que o levantamento das fontes orais, em jornais, em artigo, e em outros registros, possibilitou fazer com que seja mais bem entendido o festejo que se pratica na cidade de Maragogipe, não como mero registro, ou mesmo reconhecimento de valor histórico e cultural, mas também como possibilidade de se conservar determinada manifestação que é imaterial, para gerações futuras. Ademais, o levantamento dessas fontes encontradas, além de servir como registro e de estudo comparativo, possibilita também para se abordar o Carnaval de Maragogipe no cenário cultural que merece, o museu, ou seja, um espaço que servirá para entendimentos posteriores. E esquecer a existência dessas fontes é não valorizar o Patrimônio Cultural Imaterial preservado pela comunidade local que durante anos vem desenvolvendo sua história.

## Referências

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Tradução de Alda Porto. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

\_\_\_\_\_. *O que é história cultural?* Tradução Sergio Góes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIAS, Diego Bomfim. Carnaval de Maragogipe símbolo de resistência cultural. *Revista I Passos de História*. Disponível em: <<http://passoshistoricos.blogspot.com>>. Acesso 10 maio 2010.

FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 2003.

NOVA Era. Maragogipe, n. 371, 14 fev. 1897.

\_\_\_\_\_. Maragogipe, n. 374, 10 mar. 1897.

NOVAIS, Fernando A. (Coord.); ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2.

TRIBUNA do Povo. Maragogipe, n. 18, jan. 1996.

UNESCO. Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial: Paris, 17 de outubro de 2003. Paris, 2006. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2010.